

## OS CAMPOS BICUDOS DA “CASA” DE SUZANA DIAS

*Maria da Graça Menezes Mourão  
Pós-graduada em História e Cultura  
de Minas Gerais-PUC-Minas  
Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais-  
Cadeira de Diogo de Vasconcelos*

**Resumo:** *Este artigo trata de parte da trajetória dos Campos Bicudos, membros da “Casa” de Suzana Dias, que utilizando no século XVII, determinadas estratégias para sobreviver no enfrentamento da fronteira da América Espanhola, fizeram delas um ritual de tradição familiar, dando origem a uma estrutura de longa duração. Através do levantamento deste histórico, pretendo apontar o papel exercido pelos membros da mesma “casa”, no século XVIII, numa área de fronteira na conquista do Sertão do Rio São Francisco da América Portuguesa. Uma tradição familiar que atravessou dois séculos, dos campos de Santana do Parnaíba no XVII às Minas de Pitangui no XVIII.*

**Abstract:** *This article is part of the trajectory of the Campos Bicudos, members of the “House” of Suzana Dias, using that in the seventeenth century, certain strategies to survive in the face of the Spanish American frontier, made them a family tradition of ritual, giving rise to a long-term structure. Through this historical survey, I want to point out the role played by members of the same “home” in the eighteenth century, a border area in the conquest of the Wild River São Francisco of Portuguese America. A family tradition that spanned two centuries of Santana do Parnaíba fields in the seventeenth to Pitangui of Mines in the eighteenth.*

No Antigo Regime, na Idade Média, cujos costumes eram, rotineiramente, usados na América Portuguesa, família não se referia aos nossos padrões atuais de pai, mãe e filho. Assim como a palavra “casa” não dizia respeito à família nuclear, mas à origem e estirpe de seus membros.

“Famulus” no latim, entre o século VIII e o XIII referia-se a servo ou criado dos reis ou dos monges. Viterbo (1992) afirma que por família se entendiam os servos que, nas herdades, moravam com suas mulheres e filhos ocupados sempre na lavoura.

Um olhar antropológico ajuda a compreender o rumo de minha proposição. Com relação ao conceito de família nuclear, lar, domicílio, Levi Strauss, citado por Teixeira (2011, p.14-15), considera aquela família que engloba relações estáveis e duradouras, muitas vezes expressas pelos documentos na forma de domicílios em que coabitavam pessoas de um mesmo fogo, o da cozinha. Este diferencia o ser humano do “fogo do mato”, o da natureza. Tal consideração, Teixeira (2011, p.271) remete às importantes Listas Nominativas dos censos realizados a partir de 1765 com duração até 1850, período em que o ‘governo colonial tomava medidas militares e políticas em defesa dos interesses metropolitanos’. Neste rol eram citadas a atividade econômica e a remuneração anual do chefe do fogo, ali residindo mulher, filhos, irmãs, sogra, enteado, escravos.

Mas, a família, também deve ser tratada como um elemento dinâmico, escreve Scott (1987, P.13), que se modifica e se adapta a condições diferentes, segundo suas necessidades, imprimindo a seus componentes uma série de comportamentos e atitudes que variam espacialmente, temporariamente e socialmente.

Os Campos Bicudos, cuja estirpe provinha da “Casa” de Suzana Dias e Manoel Fernandes Ramos se conduziram, entre os séculos XVII e XVIII, dentro dos ‘comportamentos e atitudes’<sup>1</sup> de seus primitivos ascendentes, no enfrentamento do sertão que os conduzia em direção à América Espanhola.

A historiadora americana Alida Metcalf da Universidade do Texas, escreveu em 2005, “Family and frontier in Colonial Brazil Santana de Parnaíba, 1580-1822”.<sup>2</sup> Na Introdução (pp 24-43), ela analisa o histórico familiar de Suzana Dias que se casou com o português Manoel Fernandes Ramos.<sup>3</sup>

Suzana Dias era filha do ‘português Lopo Dias com a índia Beatriz, nascida em Bertioça, cujos pais foram [Bartira, filha de Tibiriçá, o chefe Índio do planalto de Piratininga] e o português João Ramalho. Suzana tinha outros irmãos deste casamento: Belchior Dias Carneiro, Afonso Dias, Catarina Dias e Isabel Nogueira’.<sup>4</sup>

Metcalf (2005) inicia seu livro relatando pouco antes do falecimento de Suzana Dias em Santana do Parnaíba.

---

1 Volpi, 1987.

2 [UC Press E-Books Collection, 1982-2004](http://publishing.cdlib.org/ucpressebooks/view?docId=ft3s2005k7&chunk.id=d0e241&toc.id=&toc.depth=1&brand=eschol&anchor.id=bkd0e522#X)- formerly e Schol arship Editions  
<http://publishing.cdlib.org/ucpressebooks/view?docId=ft3s2005k7&chunk.id=d0e241&toc.id=&toc.depth=1&brand=eschol&anchor.id=bkd0e522#X>

3 A tradução é minha. Registro as páginas dos trechos que citei, conservando as notas de rodapé do livro.

4 <http://www.geni.com/people/Beatriz-%C3%8Dndia-Tapuia/> - Curadoria de Lúcia Pilla.

Em 1628, a viúva Sra. Suzana Dias estava doente em sua cama na casa de seu filho em um pequeno povoado conhecido como Santana de Parnaíba. A aldeia localizava-se na borda da floresta brasileira, várias léguas a Oeste da cidade de São Paulo. Temendo sua morte, Suzana convocou um escrivão ao seu lado para registro de sua última vontade o Testamento e um padre para executar a extrema unção. [...] Suzana pediu a seus dois filhos fazer trinta missas para sua alma "para que Deus nosso Senhor tivesse misericórdia dela" e afirmou que ela queria ser sepultada na Capela de Sta. Ana que ela tinha fundado e em torno do qual campo tinha crescido. Por último, ela pediu o sacerdote para assinar a sua vontade para ela, pois não sabia ler ou escrever (METCALF, 2005, p.25-26).<sup>5</sup>

Este documento aparentemente simples marca 'o fim e o começo da história de Santana de Parnaíba', escreve Metcalf (2005). 'Quando nasceu Suzana Dias, Santana de Parnaíba não existia. A área era deserta, ainda desconhecida pelos portugueses ou por pessoas com ascendência portuguesa e indígena conhecida como mameluca. Mas quando Suzana morreu (1634), estes mamelucos tinham colonizado esta área do sertão'.

Mas, 'quem foi Suzana Dias?' Indaga a historiadora, respondendo através da reconstrução histórica e genealógica: 'uma das netas de Tibiriçá, o chefe Índio do planalto de Piratininga, quando os portugueses desembarcaram pela primeira vez na Costa do Brasil em 1500'. [...] 'Tibiriçá conheceu os portugueses através de João Ramalho, um marinheiro português condenado, naufrago ou despejado em terra nos primeiros anos do século XVI, provavelmente entre 1511 e 1513.<sup>6</sup> [...] Embora Tibiriçá pudesse não saber o que seu encontro com este naufrago Português pressagiava, foi o primeiro passo para uma longa cadeia de eventos que transformaria radicalmente o mundo que conheceu'. [...] 'Durante estes primeiros anos do século XVI, apenas um punhado de europeus, como João Ramalho, viveu no Brasil'[...].<sup>7</sup> 'Muitos se tornaram "nativos" para sobreviver. Tal foi o caso de Ramalho'. [...] 'Homens como Ramalho, adaptado para um mundo radicalmente

---

5 Inv. Suzana Dias, 1634, *IT* 33:11-21.

6 REIS, Paulo Pereira dos - *O Indígena do Vale do Paraíba*, Coleção Paulística, XVI (São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979).

7 PRADO, J. F. de Almeida, *Primeiros povoadores do Brasil, 1500-1530*, 2.a ed., Brasiliense, 37 (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939), 59-130; MARCHANT, Alexander - *From Barter to Slavery: The Economic Relations of Portuguese and Indians in the Settlement of Brazil, 1500-1580* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1942; repr. ed., Gloucester, Mass.: Peter Smith, 1966), 28-47.

diferente do que eles haviam conhecido na Europa. A enorme área do Brasil, coberta por florestas, era habitada por centenas de tribos indígenas. Embora seja difícil de estimar o tamanho da população indígena do Brasil em 1500, John Hemming apresenta uma estimativa fundamentada de 2,4 milhões'.<sup>8</sup>

[...] No planalto de Piratininga, Ramalho tornou-se parte da família de Tibiriçá. Ele casou-se com uma das filhas do chefe e foi um membro respeitado e poderoso da tribo. [...] Ramalho convenceu seu sogro Tibiriçá, para proteger a nascente colônia portuguesa; permitiu-se ser batizado, adotando o nome de Martim Afonso Tibiriçá e para [se tornar] o líder da colônia casou várias das suas filhas com homens portugueses. Uma de suas filhas tomou o nome de Beatriz no batismo e casou-se com um homem português, Lopo Dias, os pais de Suzana Dias.

Suzana Dias se casou com Manoel Fernandes Ramos, um imigrante português em 1570 e lhe deu dezessete filhos, continua Metcalf (2005,p.40). [...] Em 1580, Manoel [...] seguiu o rio Tietê jusante algumas sete léguas a Oeste (cerca de 40 quilômetros). Lá ele alcançou uma Cachoeira dos índios conhecida como "paranaíba."<sup>9</sup> Ele foi à procura de terras para reivindicar [...] E solicitou [sesmaria] ao governador [...] para as terras montanhosas em torno do rio. Manoel morreu alguns anos mais tarde, mas nesta área, sua esposa recebeu mais tarde uma concessão de terras real, que se tornou o núcleo de um novo assentamento, Santana de Parnaíba'.<sup>10</sup>

Para Metcalf (2005, p.41), os contornos básicos dessa família sugerem algumas das estratégias de sobrevivência usadas por este povo [...] no final do século XVI. Uma vez que o planalto não estava preparado para a produção de açúcar, (este povo) não procurou estabelecer um engenho de açúcar como seus compatriotas fizeram em Pernambuco e Bahia. Em vez disso, ele queria floresta virgem, terras em que começar uma fazenda, trabalhou com seus escravos indígenas. Ele partiu para o interior para encontrar terrenos adequados. Assim entrou para a zona [...] fronteira entre o brasileiro desconhecido e a conhecida vila portuguesa de São Paulo. [...] Manuel Fernandes Ramos começou um processo de colonização que traria uma nova era para o mundo colonial português. [...] Suzana Dias e seu filho construíram uma pequena capela, dedicada a Santa Ana perto das cachoeiras chamadas "paranaíba". A área cresceu como um local agrícola, usando os índios que viviam na aldeia vizinha de Baruerí, que foi fundada no início do

---

8 HEMMING, John - *Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians* (Cambridge: Harvard University Press, 1978), 487-501

9 The Tupi and Guaraní word for water is parana ; hence, "paranaíba" refers to water, possibly waterfall.

10 The original land grants for these lands no longer exist, or cannot be found, however, in Suzana Dias's inventory, two land grants (sesmarias) are listed as part of her property. Inventory and will, Suzana Dias, 1634, IT 33:17.

século XVII e tinha uma população de 500 ou 600 índios guaranis em 1612.<sup>11</sup> ‘Em 1625, o assentamento de Santana de Parnaíba foi grande o suficiente para ser elevada a vila que lhe deu o direito de criar seu próprio Municipal [Câmara] e encarregar-se do governo local dos colonos’.<sup>12</sup>

A narrativa de Metcalf (2005, p.41) prossegue. Três anos mais tarde, em 1628, Suzana Dias escreveu seu Testamento. Nele podemos perceber até que ponto a colonização portuguesa tinha progredido durante o século XVI. Suzana, uma devota cristã, identificada com a sociedade portuguesa, apesar de sua mãe indígena e sua própria etnia mameluca. Dela saberemos que ela usava roupas, que viveu em uma casa, que ela confessou a um sacerdote, que ela se casou em uma cerimônia cristã. [Podemos] supor dos nomes dos seus filhos que eles foram batizados por um sacerdote e na distribuição da Suzana de dote de casamento de suas filhas casaram-se segundo a doutrina cristã. Consciente de sua responsabilidade como uma mulher cristã no deserto [sertão] do Brasil, fundou uma capela. Mas em outros aspectos de sua vida, ela pode ter mantido costumes indígenas. Ela falou, sem dúvida, Tupi [guarani], a língua comum do planalto. Possivelmente ela dormiu em uma rede, embora sua vontade começa com a frase "doente na cama"; camas eram escassas e valiosas’.<sup>13</sup> ‘Muito provavelmente, sua dieta seguia tradições indígenas, em vez de portuguesas. Em seu catolicismo, provavelmente também, penetrou vestígios de sua origem tribal, crenças e superstições’. [...] ‘Assim, Suzana Dias, como seu avô, João Ramalho, dividia-se (até aqui pg.41) entre um mundo português e outro indígena. Levar [viver] esta herança (tradição) dual, ela, com seu marido português, fez seu caminho para o deserto [sertão] brasileiro. Ao fazê-lo, ela começou a colonização da região à Oeste de São Paulo’. [...] Famílias descompensadas [desamparadas?] por sua incapacidade de criar plantações de açúcar, exploravam uma vasta fronteira. Essas ações, por sua vez, incentivaram a penetração do Oeste nos séculos XVII, XVIII, XIX.[...] Manoel Fernandes Ramos e Suzana Dias trouxeram a área que se tornaria Santana de Parnaíba, para a órbita do mundo colonial português e, durante os próximos duzentos anos, seus descendentes moveram-se mais e mais ao Oeste. Tal experiência fornece pistas importantes sobre como essa fronteira foi rompida.

---

11 Pasquale Petrone, "Os aldeamentos paulistas e sua função na valorização da região paulistana: Estudo de geografia histórica," Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, 1964.

12 Mons. Paulo Florêncio da Silveira Camargo, *História de Santana de Parnaíba*, Coleção História, 15 (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971), 29-43; Silva Leme, *Genealogia Paulistana*, 7:224-258; John Monteiro, "São Paulo in the Seventeenth Century: Economy and Society," Ph.D. diss., University of Chicago, 1985, 87-90

13 Alcântara Machado, *Vida e morte do bandeirante*, Coleção Reconquista do Brasil, 8 (Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980), 69-76.

Alida Metcalf (2005) chama a atenção para o papel exercido por uma vila de fronteira na conquista do sertão, através da florescente brasilidade que se inicia na mestiçagem: uma mameluca e um português, Suzana Dias e Manuel Fernandes Ramos, pontuando uma nova percepção de ver o avanço expansionista para o Oeste do Brasil.

Era uma questão de sobrevivência esta estratégia usada por este clã “brasileiro” que os transformou em fundadores de povoados, através da criação dos aldeamentos que formavam para acomodar suas peças indígenas.

Uma estratégia motivada pela cultura na qual a família de Suzana Dias se constituiu, organizada por estruturas significativas pela gente que dela participou. De tal forma que a práxis desta gente mestiça, cujo ‘passado é uma ideia muito histórica e está sempre conosco’, pode ser considerada “une structure de long durée”, como escreve Braudel.<sup>14</sup>

No decorrer deste texto, observar-se-á que desde a constituição familiar de Suzana Dias e Manoel Fernandes, todas as famílias passam a seguir o mesmo comportamento em relação à preação indígena, nascendo daí um ritual de tradição, que de forma muito peculiar se registrou no Oeste Paulista.

Um dos primeiros a alertar para a existência de prováveis padrões regionais dentro da própria Capitania de São Paulo, principalmente no Oeste Paulista, com padrões demográficos diferenciados, seja em relação à atividade econômica, seja em relação ao segmento social família, foi Carlos de Almeida Prado Bacellar, professor de História do Brasil Colônia, da USP.<sup>15</sup>

Ao longo dos anos, foi costumeiro, a “Casa” de Suzana Dias, da Vila de Santana de Parnaíba, enviar os filhos para as frentes de expansão, quando então, apoderavam-se de aldeias indígenas inimigas, tornando-as servis, para uso próprio, na lavoura e na criação do gado e na defesa contra nações inimigas. Esta luta pela sobrevivência os faz criar alianças com os da sua origem materna, mas, hostilizados pelos indígenas de outras nações que não participaram do jogo da miscigenação, o da colonização, dando origem às guerras justas entre irmãos nativos.

Em Santana de Parnaíba-SP, entre fins do século XVII e início do século XVIII, os proprietários de terras e de escravos orientavam suas estratégias de família no sentido de preservar a integridade de sua riqueza por meio da divisão desigual de bens

---

14 Braudel, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. In: Escritos sobre a História. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.28.

15 Bacellar, Carlos de Almeida Prado. Herança em família: A partilha dos engenhos de açúcar no oeste paulista, 1765-1855. Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais 1(1986): 123-137.

partilháveis, **incentivando o deslocamento de filhos para as frentes de expansão** (grifo meu) e favorecendo as filhas e os genros com a maior parte das riquezas [...] (METCALF, 1990, 283-304).

Com relação ao favorecimento das filhas com as terças de suas heranças, ocorre a promoção de se efetivar bons casamentos, com homens que favorecerão atingir as estratégias já mencionadas, ao mesmo tempo adquirindo favorecimentos com a rede assim formada. Assim o fez, Maria Bicudo, com dotes para Margarida Bicudo ao se casar com Felipe de Campos Bander Borth<sup>16</sup> e à Isabel Bicudo com Francisco de Arruda Sá.

O procedimento deste núcleo familiar de enviar os filhos para o sertão que de lá trazem o seu remédio, as peças indígenas que se estabelecem em aldeias, promove o surgimento das Vilas Serra Acima de São Paulo, cujos descendentes, serão junto com os paulistas do Planalto, os ferrenhos opositores á entrada dos “amboabas” nas Minas.

No século XVIII, inferia-se que paulista era o do Planalto, habitante da Vila de São Paulo de Piratininga, uma das vilas da Capitania de São Vicente. Por ação destes paulistas, na direção Noroeste da Vila de São Paulo, surgiram os arraiais ou povoados da Serra Acima. Emboaba era todo forasteiro, aquele que não pertencia a nenhum dos clãs familiares, o dos paulistas e os da Serra Acima.

Na segunda metade do século XVIII, estes arraiais ou povoados, provindos dos aldeamentos, já haviam se transformados em vilas. Posso arrolá-las a partir de um termo de junta que se fez com os procuradores das Câmaras das Vilas de Serra Acima pertencentes à Capitania de São Paulo em 25.02.1767, dirigido pelo Gov. Mateus Botelho Mourão: Vila de Mogi das Cruzes, Jacarahy, Santana de Pernaiba, Taubaté. Itu, Jundihay, Sorocaba, Pindamonhangaba, Guarehy, Porangaba, Botucatu.

De início, dois dos filhos do casal Suzana Dias e Manuel Fernandes Ramos, nascidos na Paranaíba, foram cognominados povoadores. Baltazar Fernandes, que entre 1613-1639 participa da preação indígena e instituindo capela, povoa a região onde seria mais tarde a Vila de Sorocaba. Seu irmão Domingos Fernandes com o genro Cristovam Diniz, para doutrinação dos indígenas apresados no Guairá, com Nicolau Barreto em 1602, instituem no início do século XVII, nas proximidades do Salto de Ituguassu, uma capela de Nossa Senhora da Candelária. Com a denominação de Porto Feliz, o local se transforma em apoio para os que avançavam na direção Oeste, usando as monções do Tietê.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Grafia conforme se encontra no Arquivo Público Mineiro- Códice 9, p.166. Seção Colonial.

<sup>17</sup> Silva Leme. *Genealogia Paulistana*. P.55,56

O uso costumeiro de mandar os filhos ao sertão obtém persistência de geração em geração. No testamento de Domingos Fernandes, em 24 de janeiro de 1653, ele declara que mandou os filhos Tomé e Felipe ao sertão, ‘donde trouxeram muitas peças, das quais Tomé levou 12 para casa e aos demais dei menos’.<sup>18</sup>

No tocante às filhas desta “família fundadora”, em que Metkalf (1990, 283-304) menciona que elas ficavam com a maior parte da riqueza como dote para os genros, Custódia Dias casou-se com Geraldo Beting, o mineralogista alemão de Geldres que vem a São Paulo na equipe solicitada por D. Francisco de Sousa. Mas foi assassinado pelos paulistas quando retornava de uma de suas pesquisas com muitos metais da região de Sabarabussu do Rio das Velhas, entre 1610-1611. Isto mesmo! Desde 1602, com a jornada que fez Nicolau Barreto e atingiu as imediações de Pitangui, os sertanistas da Serra Acima já sabiam onde se encontrava o ouro do Sabarabussu. Um dos motivos da morte de D. Francisco de Sousa, registrado pela historiografia, desgostoso e depressivo, abandonado na sua casa na Vila de São Paulo, está ligado a este assassinato.

A outra filha de Suzana, Catarina Dias, casou-se com Antônio Rodrigues Velho, o Araá, de cujo ramo provém o Velho da Taipa, de Pitangui, genro de José de Campos Bicudo, o Monteiro. Segundo seu testamento, em 1616, (Vol. 11, fls 47 a 53,1616) Antônio Rodrigues Velho ‘a segunda vez foi casado com Joana de Castilho [com quem], teve seis filhos. [...] Cita os irmãos: Francisco Rodrigues Velho (a quem nomeia testamenteiro e curador dos filhos), Garcia Rodrigues Velho, o Padre Jorge Rodrigues, já então falecido’.<sup>19</sup>

Da “Casa” de Suzana Dias, do clã dos Campos Bicudos, Maria Bicudo – moradora em Juqueri, Santana de Parnaíba, falecida em 1659, filha de Antônio Bicudo Carneiro e de Izabel Rodrigues, mãe de Margarida Bicudo casada com Felipe de Campos Bander Borth – era casada com Manuel Pires. Este sertanista conquistou no sertão muitos gentios bárbaros que, sendo batizados se tornaram peças administradas trabalhando na agricultura, sob a doutrinação do primeiro filho, Padre Estevão Rodrigues da Companhia de Jesus.<sup>20</sup>

Em seu testamento, como foi se tornando tradição, também Maria Bicudo ‘**declarou que mandou o filho Salvador para o sertão com sete negros** (grifo meu)[...]. Deixou terça para sua filha Margarina Bicudo casada, em 1643 em S. Paulo, com Felipe de Campos Bander Borth e para Isabel Bicudo casada com Francisco de Arruda Sá’.<sup>21</sup> Este, com sesmaria em Itatiaiuçu, era tesoureiro dos quintos nas Minas<sup>22</sup>, no período anterior a Guerra dos Emboabas.

---

18 Franco, Francisco Assis Carvalho- Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil. Pág. 159; 131

19 Projeto Compartilhar, notas de Dr. Washington Luís, (Vol. 11, fls 47 a 53,1616)

20 Projeto Compartilhar.

21 Projeto Compartilhar

22 Anais,BN, Vol.LXV,1943.

O fruto destes apresamentos, deslocando indígenas de seu habitat natural, promoveu uma extensão de terra chã, inabitada, cujos campos aos poucos se tornaram povoados e a área identificada como Serra Acima, região central do estado à 90 léguas da Vila de São Paulo, onde os Campos Bicudos estabeleceram fazendas de criação de gado dentre elas a da Boa Vista de Votucatu ou Hubutucatu. Para frei Estanislau de Campos Bicudo, administrador jesuíta dos índios guaranis dali desalojados, preados por seus irmãos e tios, portanto, ‘conhecedor da língua dos gentios’, segundo Delmanto (1995, p.16-17) era esta a grafia e o significado de IBITICATU (Ibiti –serra; Catu- grande ou boa).

Eram campos agricultáveis e de excelente aguada para o gado, junto à margem direita do Rio Guayary, até o rio Paranapanema, continuando até às matas do Morro Ubatubaré (Ubatuba, Avaré), englobando terrenos da Serra de Botucatu. Estes campos margeavam a estrada de Peabiru, onde se formaram também as trilhas que conduziam os sertanistas da “Casa” de Suzana Dias às Missões Guaranis dos rios Paranapanema e Iguaçu, às Sete Quedas e ao Paraguai.

Dentre os conhecedores dos melhores e mais seguros caminhos da Serra de Botucatu, e das trilhas sertanejas adiante, destacam-se os [...] da família Campos Bicudo. A oficialidade informa que foi outro membro da família Bicudo, o lendário entradista Manoel de Campos Bicudo, quem passou pelos campos de Guareí e regiões de Botucatu, em 1673, com destino às confluências entre os rios Cuiabá e Coxipó, como primeiro europeu pisar aquelas bandas ocidentais da colônia, ainda sob dominação espanhola. Fazia parte da expedição o Antonio Pires de Campos, mais tarde conhecido por Pay Pirá, filho de Manoel Campos Bicudo (MORAIS, Diário de Cuiabá edição n.º 9.916, de 08/04/2001) in Celso Prado- razias.blogspot.com.br.<sup>23</sup>

A “Casa” de Suzana Dias, da Vila de Santana de Parnaíba gerou a tradição de constituírem uma capela com patrimônio de terras, para ali cristianizar os índios preados pelos seus membros. Manoel Fernandes Ramos e Suzana Dias, após conquista aos indígenas, encontrando terreno propício para as suas atividades agrícolas pastoris no sertão da Parnaíba, fundam a capela de Santana e se tornam seus padroeiros através da constituição do patrimônio.

Os sertanistas poderosos, quando instituíam um patrimônio de terras ao redor das capelas, praticavam vincular índios de aldeamentos da demarcação. Na prática, era uma forma legal e moralmente válida, isto é, legítima, que garantia para a “família fundadora”, tendo o cuidado de transferir para os seus herdeiros a administração dos recursos da capela,

---

23 Prado, Celso - razias.blogspot.com.br

o controle efetivo da mão de obra indígena e das terras, que muitas vezes pertenciam aos próprios índios submetidos ao aldeamento (ANDRADE, 2011, p.274).

A prática de fundar uma capela é necessária para colocar os indígenas vencidos em guerra em aldeias para serem doutrinados por um padre, que para isto precisa de uma capela, modelo este, tal como, as frentes militares de D. Francisco de Sousa (1601) forçando que “**descessem da serra ou do sertão**” e vivessem em aldeamentos no litoral, sob a administração e doutrina dos jesuítas, e seriam usados como defesa militar e mão de obra.

A “Casa” de Suzana Dias, da Vila de Santana de Parnaíba gerou também a tradição de enviar o primogênito e até o segundo filho para colégios da Companhia de Jesus, em São Paulo ou na Bahia. Os jesuítas para tanto, recebiam patrimônio em terra, gado, peças indígenas, tecidos para alfaia, joias sacras.

Foram dois os religiosos do núcleo familiar de Felipe de Campos Bander Borth e sua mulher Margarida Bicudo. A eles coube manter a administração dos aldeamentos indígenas fruto da preação de seus familiares.

Felipe de Campos, “natural da cidade de Lisboa, nascido no Bairro Alto na rua da Barroca, freguesia do Loretto, filho legítimo de Francisco de [Bander Borth] e de sua mulher Antônia de Campos”, faleceu em Itapicirica, freguesia de Santo Amaro. Em seu testamento, de 1-12-1681, nomeou doze filhos havidos de sua mulher Margarida Bicudo, que tinham então os seguintes estados:

1. Phelippe de Campos, padre
2. Estanislau de Campos, padre da Companhia de Jesus (P. COMPARTILHAR).

Felipe de Campos Bicudo tornou-se presbítero em 1671, sendo o primeiro vigário de Itu, antes na doutrinação dos apresamentos guaranis de seus irmãos. Em idade avançada dirige-se para Pitangui, ali chegando entre 1719-1720, pois era necessário o trabalho de cristianização dos índios subjugados do Sertão do São Francisco pelo seu irmão José de Campos Bander Borth.

Somente através desta doutrinação, se justificaria a instituição do patrimônio, em 16 de junho de 1725, da Capela da Penha de Pitangui, da Capitania Real de Minas Gerais, dez anos depois da criação da Vila.

Não confundir com a Capela de Pitangui, a dos “Campos Gerais de Parnaguá da Coritiba” (Paraná), cujo santo de devoção era Santa Bárbara, a protetora dos mineradores. Em 1710, era um oratório da Capitania de São Paulo e das Minas do Ouro onde um jesuíta catequizava os índios aldeados. Ali, Pedro Taques de Almeida, falecido em 1713, criava gado para abastecer as Minas do Ouro, o que já fazia seu filho José de Góis Moraes desde 1705. Em agosto de 1727,

conforme se encontra registrado no Cartório Borges de Castro (SP), ele faz a doação aos jesuítas da Sesmaria do Itaiacoca, também denominada de Fazenda Pitangui, denominação que se espalha pelos sertões, através dos guaranis, peças dos sertanistas.

Estanislau de Campos Bicudo, segundo filho de Felipe de Campos Bander Borth, após o falecimento da escolhida para se casar, segundo o Padre Pompeu de Almeida se torna 'jesuíta pela Companhia de Jesus da Bahia', onde foi reitor. Em São Paulo, tornou-se amigo do Gov. Rodrigo César de Menezes, que não tomava nenhuma decisão sem antes consultá-lo.

Necessitando seus irmãos e tio, Manoel de Campos Bicudo de quem continuasse a obra evangelizadora aos muitos indígenas que se encontravam em suas fazendas espalhadas em enormes extensões de terra deles desapropriadas, idoso, Frei Estanislau de Campos Bicudo passou a viver no Colégio dos jesuítas de São Paulo, quando lhes são repassadas estas sesmarias.

Andrade (2002, p.90), em sua tese de doutorado, promulga que o fato dos sertanistas, principalmente os paulistas se apresentarem como devotos católicos, levando capelães nas entradas ou instituindo lugares sagrados, relacionava se às suas obrigações de reduzir (ou submeter) os índios ao cristianismo, legitimando a administração destes trabalhadores, e às disposições tradicionais de recomendar os descobertos às próprias invocações de santos.

Baseando-se em Metcalf (1992,70) ele acrescenta que esta 'prática sertanista de fundar capelas procurava manter na família a administração do seu patrimônio e rendimentos' tornando-se 'uma das estratégias de apropriação estável de terras (agrícolas ou minerais), de capital e de trabalho, evitando-se ainda neste caso a fragmentação da divisão da herança, nas fronteiras da colonização dos senhores do planalto paulista. As terras patrimoniais podiam ser arrendadas aos coloniais com o objetivo, a princípio, de manutenção dos ofícios religiosos.

Estas reflexões do Dr. Francisco Eduardo de Andrade (UFOP) comportam os 'comportamentos e atitudes'<sup>24</sup> que os Campos Bicudos tiveram no início da colonização das Minas de Pitangui. Em um primeiro momento, chegaram com a imagem de Nossa Senhora da Penha e com devoção familiar a colocaram em uma ermida doméstica. Não lhes bastando os guaranis da Serra de Botucatu, preia do Bander Borth, partiram seu filho José de Campos Monteiro e seu tio paterno Gervásio de Campos, o genro do primeiro, Antônio Rodrigues Velho, o da Taipa, para buscar os índios do sertão do São Francisco e assim constituir o patrimônio e reivindicar as sesmarias nas terras deste desalojamento indígena.

No início do século XVII, Antônio Bicudo, irmão de Maria Bicudo, cunhado de Felipe de Campos Bander Borth, para reconhecimento territorial e a preação indígena, fez as primeiras descrições dos campos e matas dos guaranis,

---

24 Scott,1987, p.13

entre os rios Guareí, Paranapanema, Tietê, morros da Serra de Botucatu e cabeceiras do rio Pardo. Ganhou destaques quando em 1620, ‘faz sua primeira entrada pelo sertão de São Paulo, aprisionando e matando índios, percorrendo a zona sudoeste da Serra de Botucatu e as cabeceiras do Rio Pardo’. Posteriormente, em 1628, realizou as jornadas de ‘destruição dos aldeamentos jesuíticos no Paranapanema com Manuel Preto e Raposo Tavares’.

As primeiras terras fruto das desapropriações dos homens da “Casa” de Suzana Dias começam a serem concedidas em sesmarias já no início do século XVII. Celso Prado cita a carta de sesmaria concedida em 10/11/1609, pelo Conde da Ilha do Príncipe, por seu procurador Thomé de Almeida Lara, sendo aquele donatário da Capitania de São Vicente a João de Campos e ao seu genro Antônio Rodrigues:

[...] seis legoas de terras no districto da villa de Nossa Senhora da Ponte (Sorocaba), na paragem denominada Ribeirão de Tatuí, com todos os campos e restingas para pastos de seu gado, como também Tatuí-mirim thé o Canguera, com largura que tiver, com mais trez legoas em quadra no Tatuí - guassú e Canguary, trez legoas para o caminho de Intucatú, seis legoas correndo paraguay abaixo para a parte do Paranapanema, com condição de pagar os dísimos a Deus Nosso Senhor dos productos que dellas colherem (PRADO, Celso in razias.blogspot.com.br

‘Estas terras viriam pertencer a José de Campos Bicudo (o Bander Borth, observação minha), nascido em Parnaíba no ano de 1657’, portanto o pai de José de Campos Bicudo, o Monteiro. Foram estas terras, citadas por Padre Castanho, obtidas certamente por herança as quais em 1724 aparecem doadas aos inacianos, ‘os padres do Convento do Carmo de Itu e de São Paulo, para o estabelecimento das fazendas - Paiol, Capela Velha e Santo Ignácio, ligadas, respectivamente, às origens de Tatuí, Guareí e Botucatu’. Citação de Celso Prado, segundo Aluísio de Almeida, pseudônimo do Monsenhor Luís Castanho de Almeida (1976, p.138).<sup>25</sup>

Como visto, a reprodução desta prática é uma estrutura de longa duração, tão contínua que perdurou até o século XVIII, por mais de duzentos anos. Nela encontramos a sustentação teórica para considerar que toda a geração de Suzana Dias, como os descendentes dos Campos Bicudos que partiram de Itu, rumo Oeste, para as Minas de Pitangui, e se fizeram no século XVIII, “família fundadora” do arraial das Minas de Pitangui. Prearam índios para frente de trabalho na mineração, para a lavoura, para a criação de gado e defesa bélica na conquista do sertão do Rio São Francisco e constituíram capela com patrimônio.

Como “rezava a tradição”, para constituição deste patrimônio entre 1711 e 1714, Antônio Rodrigues Velho e José de Campos Bicudo ou Monteiro.

---

25 ALMEIDA, Aluísio- Guareí Nossa Terra, Gráfica Franciscana de Piracicaba, 1976

embrenharam-se no Sertão do Rio São Francisco e, tendo principalmente as cabeceiras, colheram por único fruto de suas explorações uma numerosa emigração de índios que domesticados e instruídos aumentaram o número de braços laboriosos [...](ANAIS BN, vol. 6,1844 Rio de Janeiro, p. 281).

Em consequência da expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, houve apreensão e confisco dos bens da Companhia de Jesus, que segundo Carta Real, eram ‘bens que sahirão da Real Coroa e para ella voltarão pello direito da Reversão’. Esta relação feita na Capitania de São Paulo, em 17 de outubro de 1761, enumera as doações e apresenta algumas descrições extremamente importantes. São esclarecedoras para apontar como as práticas do primitivo clã da “Casa” de Suzana Dias, ainda perduravam, estendendo o costume também a outras estirpes, evidenciando uma estrutura de longa duração abrangente.

Dentre os bens sequestrados, os que foram doados aos jesuítas pelo Padre Pompéu, demonstra bem como ocorria a questão dos aldeamentos, da doutrinação e a manutenção das capelas com seu patrimônio onde os índios se encontravam em reclusão na aldeia criada pelos “brancos”.

Em 18 de maio de 1697, o ‘Reverendo Doutor Guilherme Pompéu de Almeida (falecido 30 de janeiro de 1710), da Villa de Parnahiba, comarca de São Paulo, por una escritura fez doação a N. Sra. da Conceição para a Capela que levantava desta invocação na sua fazenda de Arasiguama, declarando-a por sua herdeira’. Da Villa de Utúguaçu ele

doou dous curraes de gado vacuum com as terras, e citio casas de telha de tres lanços que he seo patrimonio: como tambem deu e doou o seo citio de Arasiguama com todas as suas terras que nelle tem adonde fas a dita Capella e assim mais [muitos escravos da Guiné] como tambem todo o gentio de terra que possui e disse elle doador que para gozar dos uzos e frutos dos ditos bens doados com as pencoens’ e [indicava] seos sobrinhos Maximiliano de Goes, Luiz Pedroso de Barros e ao Cappitão Mor Jozé de Goes e Siqueira quizessem ser seos testamenteiros[...]. Em seu testamento ele elege constitui e eleje para Administrador dos bens doados á sobredita minha Capella [...] os Reverendos Padres da Companhia de Jesus [...] **asestirá hum Padre de missa para a dizer ao gentio da fazenda e doutrinar** (grifo meu) e para a consolação da vesinhança pobre. [...] e como os gentios da terra faziam parte dos bens de raiz, ele manda que, que o gentio da terra fosse[...] obrigado á sobredita minha Capella de Arasiguama; e encomendo aos meos

sucessores o bom tratamento delles, não lhes faltando com o vistuario necessario, doutrina e pasto espiritual[...].<sup>26</sup>

Em um dos sequestros aos jesuítas, relacionou-se também a doação da Aldeia de Carapicuíba feita por Afonso Sardinha e sua mulher Maria Gonçalves, em 09 de julho de 1615, declarando

que elles davão e doavão á sua Capella que está no Mosteiro da Companhia de Jesus do Padre S. Ignacio, de N. Snr.<sup>a</sup> da Graça que elles tinham feito e era sua porquanto não tinham herdeiros forçados nem naturaes nem de legitimo matrimonio havendo sessenta e tantos que estão casados por isso constetuião e tinham constetuido a dita Capella de N. Snr.<sup>a</sup> da Graça e a ella movidos de sua pia devoção e para se mostrarem agradecidos a N. Snr. e a N. Snr.<sup>a</sup> sua may pellas merces que elles tinham recebido e para terem advogada em N. Snr.<sup>a</sup> da Graça disse para todo o sempre de seo moto proprio dambos juntos estando em seo prefeito juizo que N. Snr.<sup>a</sup> lhe deo fazião hũa voluntaria doação e escriptura em sua vida e ambos como de feito fizerão de toda a sua fazenda moveis e de Rays peças escravos de Guiné, e da terra, terras, cazas e gado, e da mais fzena bem feitoria que pessuião e tinham de seo nesta Villa de S. Paulo e todo o mais que em qualquer parte .

[...] declararam mais os ditos Doadores que já tem dado hũa pouca de prata a saber duas cruces hum alampadario e castiças de prata e hum ornamento de damasco branco e tella e todo o mais que se achar para o serviço da dita Capella e Igreja de S. Ignacio’ ( ou seja, a dos jesuítas). [...] e disserão mais elles Doadores que querem e são contentes que elles ditos Padres da **Companhia de Jesus tenham cuidado de toda a sua gente forros goaramins**, (índios guaranis) **como de outras naçoens e esteja toda ella debaixo da administração e doutrina dos ditos Padres como sua por assim entenderem convir para bem de suas conciencias e mór liberdade dos ditos Indios forros**(grifo meu) sem ninguem os inquietar nem pertender e de hoje por diante lho entregão para a doutrinarem e encaminharem para o caminho da sua salvação e administrar sacramentos, e declararão mais elles ditos doadores que por esta sua liberal Doação em vista delles ambos doadores annullão todos e quaesquer testamentos que tivessem feito e assentamentos assim publicos como razos e que só esta doação e escriptura querem que valha e tenha força e por virtude.

---

26 Documentos Interessantes para A História e Costumes de S. Paulo - Vol. 44 - Diversos, Archivo do Estado de S. Paulo, Typ. Cardozo Filho & Comp., São Paulo/SP, 1915, páginas 339 a 378 do volume duplo 43/44.

e querião que elles ditos Relligiozos tomassem posse em nome da dita Capella administrassem a dita fazenda e a regessem.<sup>27</sup>

O escrivão Manuel do Couto informa em sua redação que da Aldeia de Carapicuíba, dos muitos índios guaranis que para ali foram levados, formou-se duas aldeias, 'a de Itapecerica, e a de S. Jozé', e que lá 'assistiam dous Relligiozoz, que lá asistem, alem da farda que todo anno dá aos Indios, ferramentas necessarias e os remedios da botica, sem tirar da dita Aldeia mais emolumentos, que o comboy de alguns Indios cada mez para lhe conduzirem de Santos o provimento necessario, o que tudo feitas as contas aos seos jornaes poderá importar cada anno setenta athe oitenta mil reis e o servisso de alguns escravos se hé que existem ainda alguns, que da dita Aldeia se passarão para a fazenda de S. Anna' [...].<sup>28</sup>

Com relação ao Aldeamento de Mboy, com capela de Nossa Senhora do Rosário, em 1624, Fernão Dias e Catarina Camacha, doadores, dizem que têm

muitos Indios da terra que descerão do certão e por outras vias adquirirão e os tem e reconhecem a todos por livres e sem embargo disso se sentem com escrupulo de consciencia pelo modo com que os deterão e tratarão por descargo de suas almas e consciencias e satisfação de que aos ditos Indios livres tem feito elles ambos em expecial fazem logo livre e irrevogavel doação entrevivos de todos elles a dita caza de S. Ignacio e querem que os Relligiosos della os possuão logo e tomem posse delles o que fazem como dito hé por descargos de suas consciencias por entenderem que em nenhũa outra parte serão tambem tratados nem serão tambem acomodados do remedio corporal e experitual de suas almas que hé o principal fim porque vierão do certão e tambem por entenderem que os mesmos Indios isto querem e dezejão<sup>29</sup>.

No século XVIII, concomitante ao período e também depois àquele em que nas Minas Gerais ocorria a Guerra dos Emboabas, muitos da Serra Acima e principalmente do clã dos Campos Bicudos começam a fazer doações de terras às capelas dos inacianos, principalmente das terras de Ibitucatu, a grande extensão subtraída dos indígenas guaranis, ao longo do século XVI.

Em 10 de dezembro de 1709, o Capitão Antônio Antunes Maciel e sua mulher Josefa Paes da Villa de Itú de Nossa Senhora da Candelaria fazem doação ao Colégio de São Paulo de uma sesmaria:

---

27 Idem.

28 Ibidem.

29 Documentos Interessantes para A História e Costumes de S. Paulo.

Que elles tinhão nos campos de Boytacu hũa cismaria de legoa e meia de terras de testada e tres legoas de fundo que tinhão alcançado do Governador Antonio de Albuquerque; que nestas terras formavão Cappella perpetua de que davão a Administração ao M. R. P. Reytor do Collegio de S. Paullo de S. Ignacio com o encargo do que rendessem mandasse dizer hũa missa cada anno no dia de S. Ignacio por elles Instetuidores [...].

Em 23 de dezembro de 1709, o Capitão Manoel de Campos Bicudo e sua mulher Antônia Paes de Siqueira fazem também doação de três léguas de terras nos campos de Ibutucatu ao Colégio de S. Paulo cuja escritura assim rezava:

que elles são Senhores e possuidores de huns campos e pastos no termo da Villa de Sorocaba aonde chamão Boticatû os quaes campos alcançarão por cismaria do Governador Antonio de Albuquerque que confirmarão na Sua Magestade e tem tres legoas de cumprido com a largura que se achar desde as carranquas domando caminho athe o matto no Anhemby e que querendo elles agora outorgantes fazer bem por sua alma davão a administração das ditas terras ao sobredito Padre Reytor e aos Reverendos Padres Reyttores que pelo tempo em diante lhe sosederem para que do que renderem ornem, e fação todo o gasto necessario para o Altar de S. Ignacio que está na Igreja do Collegio desta Cidade e mandem dizer por tenção delles outorgantes hũa missa cada anno no dia do glorioso S. Ignacio e o mais que restar do rendimento das ditas terras depois de feitos os gastos sobreditos poderão os Ps. Reyttores como Administradores gastarem em bem de seo Collegio ou no que melhor lhe parecer de esmollas ou obras pias para o que rezervando em Si o Senhorio das ditas terras dão ao dito Padre Reytor a seos sucessores só administração e uzo fruto com os encargos sobreditos sem poderem alhear as ditas terras porque querem que a missa e ornato sejam perpetuos etc.

Por fim, José de Campos Bicudo, o Monteiro, tendo como procurador o seu irmão o jesuíta Estanislau de Campos, fez doação da Paragem Guarani no Ibutucatu à capela de Santo Inácio que está na Igreja do Colégio de São Paulo dos jesuítas. A escritura foi registrada na cidade de São Paulo, em 23 de setembro de 1724, no tabelião Braz Lopes.<sup>30</sup> Nestas terras, encontravam-se as fazendas Guarei e Votucatu, que na verdade, como em todas as outras citadas eram apenas duas capelas de pau a pique e sapé e uns ranchinhos para os índios livres ou administrados, que se reuniam em rodeio e em curral o gado vacum espalhado

---

30 Idem.

pelos campos em léguas de extensão. Fazenda não significava o que hoje concebemos. Fazenda e fábrica tinham o mesmo significado, o do trabalho que se tinha em função de uma atividade.

Eram as fazendas doadas pelos Campos Bicudos, terras a perder de vista, concedidas pelo loco-tenente donatário da capitania de São Vicente sediada em Itanhaém, e pelo governador de São Paulo, mais uma sesmaria doada por José de Campos Bicudo, formando duas grandes fazendas, com os nomes de Guareí e Botucatu, entre a margem direita do Guareí e do Paranapanema e o alto da serra de Botucatu. As concessões aconteceram em 1713, 1719 e a que começava na ‘barra do Rio Tatuí e se estendia até a parte Sul de Guareí’, em 24 de março de 1723.

tres léguas de testada e seis de fundo correndo para a parte do Rio Paranapanema, cuja doação de terras fazia ao dito Santo de sua livre vontade de hoje para todo o sempre. Esta doação foi feita de meação que tinha com seu genro Antônio Rodrigues Velho, assim como se acha declarado sem legado nem obrigação alguma’.<sup>31</sup>

Ao término desta exposição, considero que este tema ainda necessita de uma pesquisa mais apurada para sua fundamentação teórica, para mostrar o papel exercido pela geração dos Campos Bicudos, como fundadores de povoados que se tornaram vilas, principalmente no tocante sobre os rituais de tradição familiar e as estruturas de longa duração.

Para confirmação do exposto, recorro às reflexões do historiador Da Mata, a respeito desta incidência recorrente na formação de um arraial a partir de uma capela e do seu patrimônio em terras:

trata-se de um processo dotado de tal força e regularidade que não hesitaríamos em qualificá-lo de estrutural. Estrutural no sentido da longa duração de Braudel: ‘processos que obedecem a um regime de temporalidade radicalmente distinto do da variação dos ciclos econômicos, ou das reviravoltas políticas’ ou ainda, para tomar um exemplo contemporâneo, do tempo curtíssimo que rege as bolsas de valores sob o influxo da globalização. Quando se estuda o impacto da religião na sociogênese dos arraiais fica evidente a continuidade de determinados padrões por praticamente dois séculos (DA MATA, 2002, p.23).

---

31 Arquivo Público do Estado de São Paulo, volume "Sesmarias", tomo II.

Mas, chego à conclusão de que as práticas sertanistas da “Casa” de Suzana Dias ocorreram em todos seus pormenores, quando nas Minas de Pitangui, chegaram os Campos Bicudos de Itu, já freguesia de Santana do Parnaíba: os irmãos José de Campos Bander Borth (o viúvo), Bernardo, Gervásio e Feliciano (na dúvida), o filho José de Campos Bicudo ou Monteiro e Antônio Rodrigues Velho e sua mulher Margarida Bicudo.

Trouxeram junto uma imagem de Nossa Senhora da Penha e com devoção familiar a colocaram em um nicho para posteriormente erigirem um oratório-ermida, como de fato o transformaram em ermida doméstica ao fundar-se a “Capela e Casa chamada de Taipa”, nas lavras do Batatal. Instituído o local sagrado como era tradição, partiram para a conquista do indígena. Neste empenho, um destes familiares se formalizaria como padroeiro, uma das principais premissas do padroado, efetivando a cristianização dos indígenas subjugados, tornando legítimo o seu trabalho escravo, como peça administrada.

Assim, obrigados por tal tradição, partiram em busca do seu remédio, a mão de obra para a fábrica da mineração, da lavoura e do gado e para obtenção de mercês e concorrerem à fidalguia, também procuram novas minas para o Erário Real. Embrenham-se no Sertão do Rio São Francisco da América Espanhola: ‘tendo principalmente para as suas cabeceiras, colheram por único fruto de suas explorações uma numerosa emigração de índios que domesticados e instruídos aumentaram o número de braços laboriosos’.

Por direito de conquista estas se tornaram posses da “família fundadora”, ‘uma das estratégias de apropriação estável de terras (agrícolas ou minerais), de capital e de trabalho’ e por consequência a mercê real com a obtenção das sesmarias.

XXXXXXXXXXXXXXXX

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Referências Documentais:**

Anais, BN, Vol.LXV,1943.

Arquivo Público do Estado de São Paulo, volume "Sesmarias", tomo II.

Documentos Interessantes para A História e Costumes de S. Paulo - Vol. 44 - Diversos, Archivo do Estado de S. Paulo, Typ. Cardozo Filho & Comp., São Paulo/SP, 1915, páginas 339 a 378 do volume duplo 43/44

Memorial de 1785- IHGB-vol. 6 1844 Rio de Janeiro, p. 281

Projeto Compartilhar

Projeto Compartilhar, notas de Dr. Washington Luis, (Vol. 11, fls 47 a 53,1616)

**Referências Bibliográficas:**

ALMEIDA, Aluísio- **Guareí, Nossa Terra**, Gráfica Franciscana de Piracicaba,1976.

ANDRADE, Francisco Eduardo de- **Fronteira e Instituição de Capelas nas Minas, América Portuguesa-** América Latina en la historia económica Am. Lat. Hist. Econ no.35 México ene./jun. 2011.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Herança em família: A partilha dos engenhos de açúcar no oeste paulista, 1765-1855.** Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais 1(1986): 123-137.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais. A longa duração.** In: Escritos sobre a História. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARVALHO FRANCO, Francisco Assis- **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil.**

DA MATA, Sérgio-Chão de Deus. **Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil (séculos XVIII-XIX)-** Berlin Wiss.veit. Berlin.2002.

DELMANTO,Armando M- **Memórias de Botucatu**, 2ª. edição 1995.

METCALF, Alida-A **família e a sociedade rural paulista: Santana de Parnaíba, 1750-1850.** Estudos Econômicos, São Paulo, IPE-USP, 20:2 (1990): 283-304

PASQUALE, Petrone- **Os aldeamentos paulistas e sua função na valorização da região paulistana: Estudo de geografia histórica**, Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, 1964.

PRADO, Celso - **razias**.blogspot.com.br

SILVA LEME, Luís Gonzaga da - *Genealogia Paulistana*. Vol. VI (Bicudo), pág. 468; Vol. VII (Fernandes Povoadores), pág. 225,247; Vol. VIII (Preto), pág. 329; Vol. VIII (Oliveira), pág. 516; Vol. IX (Dias Chaves), pág. 55,56

SCOTT, Ana Silvia Volpi-**Dinâmica familiar da elite paulista (1765-1836)**. M.A. tese. USP, 1987.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo Teixeira- **A formação das famílias livres Campinas 1774-1850**- UNESP: 2011

VITERNO, Frei Joaquim de Santa Rosa- **Elucidário das palavras, Termos e Frases**, 1798

**Links consultados:**

-UC Press E-Books Collection, 1982-2004- formerly e Schol arship Editions  
<http://publishing.cdlib.org/ucpressebooks/view?docId=ft3s2005k7&chunk.id=d0e241&toc.id=&toc.depth=1&brand=eschol&anchor.id=bkd0e522#X>  
-<http://www.geni.com/people/Beatriz-%C3%8Dndia-Tapuia/>